

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NO COTIDIANO DA COMUNIDADE INDÍGENA TREMEMBÉ DE ACARAÚ E ITAREMA – CEARÁ

Danilo Sobral de Oliveira

Faculdade Escola Sobral de Oliveira - FAESDO e Escritório de Advocacia Sobral de Oliveira.

<http://lattes.cnpq.br/1635891041004372>

<https://orcid.org/0009-0008-5928-442X>

E-mail: danilo.sobralct@hotmail.com

Manoel Aristeu de Freitas

Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura municipal de Acaraú/CE. Faculdade Escola Sobral de Oliveira – FAESDO.

<http://lattes.cnpq.br/6322593227977916>

<https://orcid.org/0009-0003-1482-908X>

E-mail: arysteu.freitas@gmail.com

Francisca Isabelle Meneses Freitas

Instituto João Bittar.

<http://lattes.cnpq.br/8400677711705894>

<https://orcid.org/0009-0008-5843-1301>

E-mail: Isa.freitas01@hotmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-63>

RESUMO: Este projeto de pesquisa irá abordar como as mídias digitais são uma realidade e ajudam no convívio da Comunidade Indígena Tremembé, de Acaraú e Itarema – Ceará e como se dá a utilização dos dispositivos tecnológicos que a inclusão digital trouxe para a comunidade. O debate crítico sobre a comunidade indígena como representação do Brasil Colônia, ainda é muito atual, contudo, percebe-se ao longo dos tempos, resistências por parte dos indígenas que resultam em muitas transformações, oriundas de vários fatores, que circulam na educação, na convivência em sociedade com os não indígenas, no seu território, na sua religião e até mesmo na sua cultura. Hoje, a inclusão digital permite às sociedades indígenas uma voz, antes excluída ou interdita pela sociedade ocidental, a partir de vários dispositivos de poder e saber. O objetivo desta pesquisa é entender como se dá a convivência da comunidade Indígena Tremembé com a inclusão digital. Como metodologia, utiliza-se da pesquisa de campo para entender os costumes, as relações e a inserção da cultura digital no cotidiano e na educação dos sujeitos indígenas que compõem a comunidade Tremembé. Os autores que ajudam a teorizar o trabalho são Michel Foucault, Henri Jenkins e Manuela Carneiro da Cunha.

PALAVRAS-CHAVE: Indígena. Tecnologia. Tremembé. Cultura.

COMMUNICATION AND TECHNOLOGY IN EVERYDAY LIFE IN THE TREMEMBÉ INDIGENOUS COMMUNITY OF ACARAÚ AND ITAREMA – CEARÁ

ABSTRACT: This research project will address how digital media are a reality and help in the coexistence of the Tremembé Indigenous Community, of Acaraú and Itarema – Ceará and how the technological devices that digital inclusion brought to the community are used. The critical debate on the indigenous community as a representation of Colonial Brazil is still very current, however, over time, resistance on the part of indigenous people has been perceived, resulting in many transformations, arising from various factors, which circulate in education, coexistence in society with non-indigenous people, in their territory, in their religion and even in their culture. Today, digital inclusion allows indigenous societies a voice, previously excluded or banned by Western society, through various devices of power and knowledge. The objective of this research is to understand how the Tremembé Indigenous community coexists with digital inclusion. As a methodology, field research is used to understand the customs, relationships and insertion of digital culture in the daily lives and education of indigenous subjects who make up the Tremembé community. The authors who help to theorise the work are Michel Foucault, Henri Jenkins and Manuela Carneiro da Cunha.

KEYWORDS: Indigenous. Technology. Tremembé. Culture.

INTRODUÇÃO

Os acontecimentos da inclusão digital dos povos indígenas do Brasil, dos vários dispositivos de poder e de saber, desde o descobrimento do Brasil, como a Educação Jesuíta, a tutela do Estado e outros tantos motivos, fazem do cotidiano dos indígenas, um campo de interferências severas a sua cultura e vida de um modo geral. Na Comunidade Tremembé, norte do estado do Ceará, a contemporaneidade, aproximou o dia a dia dos jovens e adultos indígenas aos smartphones, televisões, computadores. Mas, essa realidade não é unanimidade em todas as sociedades indígenas. Mas essa realidade não é unanime em todas as comunidades indígenas do Brasil. Existem hoje cerca de 305 etnias indígenas segundo o último censo do IBGE, porém, segundo dados do Instituto Socioambiental, dados de 2018 mostram que apenas 104 comunidades indígenas possuem blogs e sites, o que mostra claramente que muitos estão fora da inclusão digital, seja por falta de políticas de auxílio ou por resistências das próprias comunidades que desejam manter e preservar costumes, cultura.

Para as sociedades indígenas que se utilizam das tecnologias digitais e eletrônicas, esses dispositivos podem representar uma resistência ao que a inclusão social oferece para se estabelecer na sociedade não indígena. Segundo as autoras Carraro e Sampaio (2008):

[...] o potencial político da incorporação da mídia eletrônica como instrumento de luta e resistência por parte dos novos movimentos e organizações. Além disso, o alcance, em termos de multiplicidade de acessos, indica a sensibilização da opinião de outros sujeitos que passam a agregar demandas, interagir e comunicar, tornando ainda mais legítimas as causas coletivas (CARRARO; SAMPAIO, 2008, s/p).

Na Comunidade Indígena Tremembé, a realidade não é outra, os jovens estão imersos às tecnologias. Cada vez mais o uso dessas mídias digitais aumenta, alterando o cotidiano da sociedade.

Os Tremembé são indígenas que habitam o litoral norte do Ceará, nos municípios de Acaraú, Itapipoca e Itarema, que com o decorrer dos anos aguentaram a redução de seu território originário, nos municípios cearenses. Diante das ameaças de perderem suas terras, seus saberes e suas culturas, os indígenas, a partir dos anos 80, organizaram um movimento local e nacional, em prol da reconquista de parte de suas terras e de propagação de sua cultura.

Desde então, foi percebido a necessidade de conhecimentos profundos sobre a inclusão digital nas comunidades, e esta pesquisa servirá como base para futuros projetos e artigos que tenham interesse sobre a Comunidade Tremembé ou sobre indígena e Tecnologia, e para a autoanálise dos mesmos, em como está o seu convívio pessoal, se está mais oral ou virtual, pois, ao ficarem expostos às tecnologias, ficam aptos a usufruírem das facilidades da comunicação digital no seu dia a dia, muitas vezes interferindo no seu convívio pessoal.

Esta pesquisa científica pretende entender como os indígenas Tremembé, utilizam a comunicação e a tecnologia adquirida ao longo do tempo, quais interações dos sujeitos indígenas e a relação com o saber tradicional da sociedade.

A partir da pesquisa de campo, será possível enxergar algumas questões da relação, dada a brevidade do contato, da tecnologia digital com o cotidiano dos Tremembé e quais as opiniões dos jovens das comunidades e dos mais velhos, como o Cacique, sobre os dispositivos digitais na comunidade.

Será analisado o uso da mesma no ambiente escolar, se os jovens acreditam que a inclusão digital trouxe ou irá trazer benefícios para a vida profissional e se eles se sentem mais integrados à sociedade com a utilização das redes digitais.

Como objetivo geral deste trabalho científico, iremos entender como se dá a convivência da comunidade Indígena Tremembé com a inclusão digital. São objetivos específicos:

Identificar quais mecanismos ajudam na manutenção da cultura Tremembé, quantos indígenas possuem smartphones, computadores, entre outros; Compreender como é o dia a dia de cada indígena, para descobrir como foi o processo de transição até chegar na inclusão digital; entender como os mecanismos dão voz à cultura indígena e como as comunidades utilizam a comunicação e a tecnologia; produzir o documentário “Tremembé: inclusão digital, resistência e saberes tradicionais”.

Esse trabalho é uma pesquisa de campo qualitativa, pois foi preciso produzir dados a partir das observações extraídas do estudo das pessoas e das comunidades, para estabelecer uma relação direta e compreender o que será estudado.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Nos dias 06 e 07 de abril de 2018, foi realizado a pesquisa de campo nas Comunidades de Almofala (Itarema) e Queimadas (Acaráú), onde foram feitos registros de imagens e vídeos. Foi conversado com o Cacique João Venâncio, que não é a favor à inclusão digital, pois, para ele, houve uma interferência negativa imensa no convívio dos jovens, que preferem ficar em frente a um celular do que reunido com os mais velhos ouvindo as histórias e tradições. Foi conversado também com alguns adolescentes que estavam na escola diferenciada e contaram suas experiências com essa inclusão digital. O Diretor da Escola, Getúlio, mostrou como é o uso das comunicações digitais na escola, como utilizam e quais os benefícios, na visão do diretor, que a inclusão digital trouxe e sobre o Torém, manifestação

cultural considerada uma das mais importantes da sociedade Tremembé e que hoje, usa-se da inclusão digital para espalhar a tradição, onde eles gravam a música nos celulares e disseminam na comunidade.

Para as entrevistas realizadas, foi perguntado sobre o convívio dos jovens e dos mais idosos na comunidade, sobre o uso das tecnologias e mídias digitais no dia a dia na escola e como isso afeta o ensino diferenciado. No momento da pesquisa de campo, estavam presentes cerca de 6 adolescentes e alunos da Escola Diferenciada de Almofala, Itarema-CE, onde em todo o decorrer do dia, não paravam de mexer nos celulares, muitas vezes deixando de interagir com os colegas ao lado. Para esses jovens, foi questionado se o uso frequente destas tecnologias interferiu de alguma maneira o convívio com o resto da comunidade, se o seu desempenho escolar melhorou e outras perguntas mais relacionadas ao uso dos smartphones, computadores ou televisões.

Na comunidade de Queimadas, Acaraú-CE, foi conversado com um dos casais mais antigos da comunidade, onde foi contado um pouco da história de como surgiu esta sociedade, como foi a luta dos Tremembé pela sua terra de direito e como eles veem os jovens hoje, no meio de tanta tecnologia e tantas facilidades. Uma das professoras da Escola Diferenciada de Queimadas, contou como a escola surgiu, em baixo de um pé de Cajueiro, sem nada, apenas com a vontade de aprender, e aos poucos foram conquistando o espaço que tem hoje.

Foram entrevistadas, nas duas comunidades, 14 pessoas, como 6 alunos da Escola Diferenciada, o Cacique, dois professores, sendo um o diretor da Escola de Almofala, um casal de idosos e dois moradores de Queimadas, sendo mãe e filho e um historiador da cidade de Itarema. Para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiabertas, pois foi preciso aprofundar cada questão, a partir da resposta dos entrevistados, para assim obter um melhor e mais amplo resultado.

A pesquisa de campo realizada, onde foi obtido capturas de imagens e vídeos, servirá para identificar quem são os responsáveis por propagar a cultura Tremembé, por meio da

oralidade, compreender como os jovens estão agindo com os saberes tradicionais, em meio a toda comunicação digital e, para no fim, chegar no objetivo geral deste artigo.

A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS TREMEMBÉ

Desde o período colonial, os Tremembé são citados em documentos, relatos missionários, crônicas como Trammambés ou Tarammambés. Essa comunidade fica localizada no litoral norte do estado do Ceará, mais precisamente nos municípios de Acaraú, Itapipoca e Itarema. Em 2014, a Secretaria Especial de Saúde Indígena, Sesai, junto com o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena, Siasi, registraram 3.662 indígenas Tremembé nesses municípios.

Nos Séculos XVI e XVII, os Tremembé já ocupavam a extensão litorânea, que hoje representa a faixa litorânea do Pará ao Ceará. Com a colonização Portuguesa e o ensino dos Jesuítas, foram criados os aldeamentos missionários. Depois da Missão de Nossa Senhora da Conceição dos Tramambés, as terras da *Missam do Tapuya Tramanbe* consolidou-se como irmandade. Em 1766, a Missão foi rebatizada de Almofala, que é um topônimo de origem árabe-portuguesa, e até hoje o local se chama assim. Com o passar dos anos, a povoação de Almofala continuou a ser habitada pela população indígena. Desde o período colonial, a comunidade vem sofrendo interferências da cultura, da política dos não indígena, em suas sociedades. Manuela Carneiro cita:

A interferência nas culturas tradicionais atingiu também a religião, os costumes matrimoniais, a organização política, a tecnologia, os hábitos alimentares, estes já afetados pela depauperização dos territórios de caça e pesca. A resistência indígena a essa interferência manifestou-se no apego a alguns traços culturais que, enfatizados, preservaram a identidade do grupo (CUNHA, 2012, p. 107).

A Igreja de Almofala é extremamente importante para os Tremembé, pois, ao realizarem a memória sobre essa igreja, eles contam a própria história. Contam que seus antepassados acharam uma santa de outro e a partir disso, construíram a primeira igreja, coberta de palha, onde abrigavam a santa e dançavam o Torém, para festejar. A rainha de Portugal, lhes deu uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, material de alvenaria e um

quadro de légua de terra para viverem, em troca dessa santa de ouro. Percebe-se então, a interferência da educação jesuíta, estabelecendo uma convergência religiosa entre a religião indígena e a ocidental. Segundo Henri Jenkins, “*convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e imaginam estar falando*” (Cultura da Convergência, p. 29, 2009).

Em 1702, em torno da primeira igreja de Almofala, feita de barro e coberta de palha, surge o aldeamento dos Tremembé. A partir de 1712, ela foi sendo substituída pela construção de alvenaria em estilo barroco (BRAGA, 1964; NOBRE, 1980; DUARTE, 1972).

Em 1898, a igreja foi soterrada pelo movimento das dunas provocado pelo vento. Previu-se o seu desaparecimento para sempre, junto com o povoado em torno dela (RAMOS, 1981). Os moradores retiravam a areia durante a noite, pois era o período em que não tinha vento, e durante o dia a igreja era soterrada novamente, pelo movimento das dunas. Quase meio século depois, a igreja ressurgiu, passou por algumas reformas e, em 1980, foi tombada como patrimônio histórico nacional, sendo restaurada em 1983 (FUNAI, 1993).

Na década de 30, a área que é denominada Queimadas, começou a ser ocupada por algumas famílias Tremembé, vindo de outras áreas, principalmente Almofala e fixaram suas residências. A Comunidade recebe esse nome, pois, na chegada dessas famílias, existia apenas uma área devastada pelo fogo, e aos poucos ela foi sendo habitada e restaurada e por fim, nomeada com esse nome.

Em 1993, os Tremembé conseguiram ser identificados oficialmente como índios pela Fundação Nacional do Índio, FUNAI. Até hoje, os Tremembé de Acaraú, Itaipoca e Itarema, continuam lutando pela demarcação de suas terras, pois fazendeiros, a Empresa Agro-industrial Ducôco e o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, DNOCS, insistem em negar a existência dos índios em Almofala e Queimadas, o que gerou uma briga judicial, da FUNAI, contra essas empresas e essas duas comunidades indígenas conseguiram a documentação da demarcação de uma parte de suas terras.

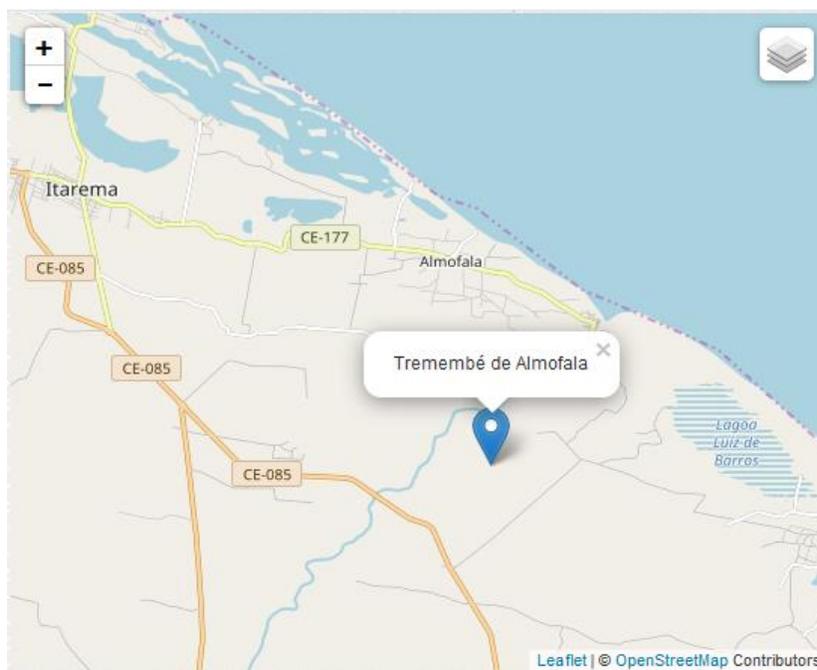


Figura 01: Representação territorial no mapa das terras indígenas Tremembé de Almofala, segundo a Funai.

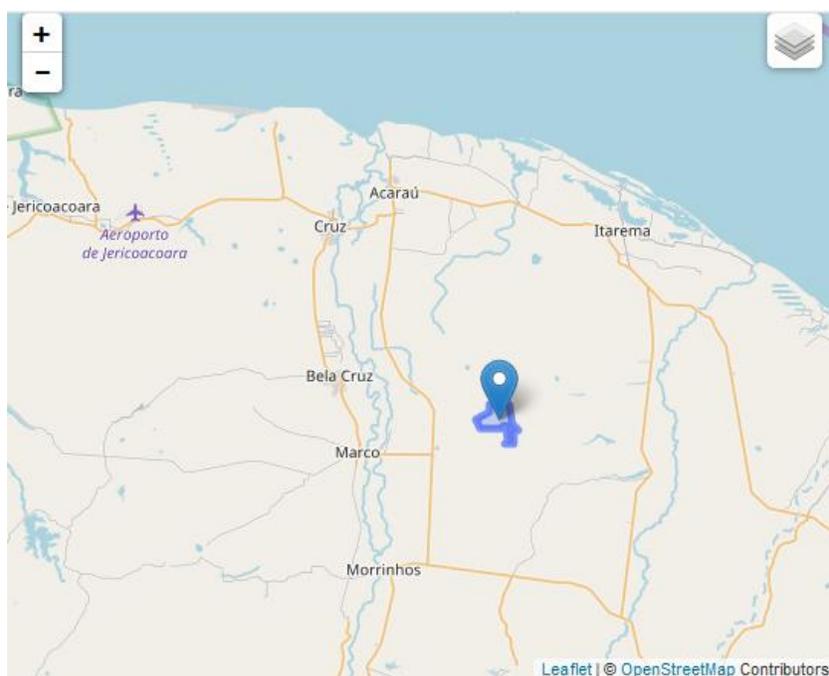


Figura 02: Representação territorial no mapa das terras indígenas Tremembé de Queimadas.

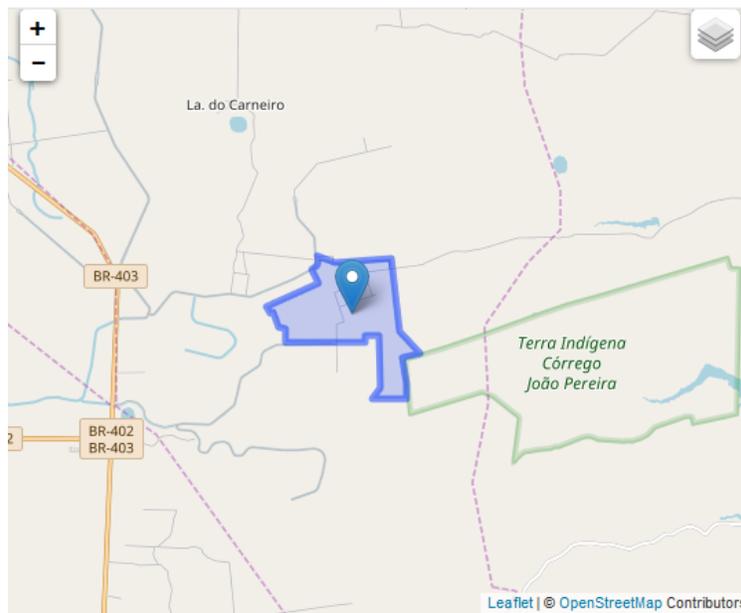


Figura 03: Representação territorial no mapa das terras indígenas Tremembé de Queimadas (imagem com zoom).

INCLUSÃO DIGITAL EM COMUNIDADES INDÍGENAS – UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA E DOCUMENTAÇÃO DA ORALIDADE

Segundo Pierre Lévy:

A virtualização amplia a variabilidade de espaços e temporalidades, enquanto novos meios de comunicação estabelecem modalidades diversificadas de tempo e espaço que diferenciam aqueles que estão envolvidos entre si e também em relação aos que se situam fora do novo sistema (LÉVY, 1996).

Em uma busca rápida pelo Google, foram encontrados pelo menos 9 sites na primeira página do buscador falando sobre a inclusão digital indígena. Pelo menos 4 falam do projeto do Centro de Inclusão Digital Indígena, que leva essa inclusão para as comunidades. Outros sites falam que os índios usam as redes sociais e a internet para divulgar a sua cultura ou divulgam informações sobre os mesmos, ou seja, vindo de sociedades que já estão inclusas digitalmente.

Nas Comunidades Tremembé, a inclusão digital chegou por meio das Escolas Diferenciadas, projeto intitulado Educação Diferenciada, onde além dos jovens aprenderem

mais sobre a sua cultura, eles são inclusos no meio digital. No município de Itarema, a inclusão digital encontra-se nas localidades Indígenas de Capim Açu, Córrego João Pereira, Passagem Rasa, Mangue Alto, Almofala, Lameirão, São Jose, Tapera e Varjota. No município de Acaraú, a inclusão digital está presente nas localidades indígenas de Telhas e Queimadas.

A inclusão digital em comunidades indígenas ainda é alvo de grande luta e resistência em algumas sociedades, pois, como o Cacique da comunidade Tremembé de Almofala, João Venâncio fala, as tecnologias, celulares, computadores, estão mudando o cotidiano dos mais jovens, principalmente, porque, segundo o Cacique não se reúnem mais, na mesma frequência de antes, no final do dia para ouvir os mais velhos contarem as histórias ou até mesmo se reunirem para conversar sobre o seu dia, eles preferem agora ficar em casa em frente as tecnologias e muitas vezes acabam esquecendo do resto.

Quando se pensa nos choques culturais pelos quais passaram em algumas gerações as classes populares, fica-se atônito pelas faculdades de resistência e de adaptação da qual elas deram prova. O mais impressionante não é tanto o que cada geração tem podido, em larga medida, preservar das tradições dos mais velhos, mas sobretudo que ela tenha sido capaz de criar coisas novas (HOGGART:1970, p. 386).

Para as sociedades indígenas, a inclusão digital se torna um conflito entre os mais velhos e os mais novos, pois, segundo Hellen Monarcha:

As gerações mais jovens, de qualquer sociedade, não sentem o mesmo impacto das gerações anteriores quanto a estes novos modos de ser e agir. Elas já nasceram inseridas neste contexto. Entretanto, para as sociedades indígenas este é um conflito acentuado. Para as gerações mais velhas, a utilização das ferramentas linguística e tecnológicas representa um modo de resistência. A apropriação desses conhecimentos se imbrica a um processo de luta e preservação da cultura. O desafio enfrentado pelos indígenas mais velhos é o de envolver os mais jovens na luta pela preservação de sua história e memória (MONARCHA, Hellen: 2012, p. 80).

Entretanto, os mais jovens argumentam aos mais velhos, que com a inclusão digital, a propagação da cultura e história indígena se tornará mais rápida e eficaz, pois com a internet, tudo é espalhado e divulgado em questão de segundos. É também um auxílio nos estudos e realizações de trabalhos escolares, pois eles possuem um vasto local para pesquisas.

O smartphone, por exemplo, auxilia em pequenas atividades do dia a dia, como passar um recado ou perguntar algo para uma pessoa, pois antes os mais novos se deslocavam de um lugar a outro para realizar e eles garantem que a inclusão digital não atrapalha o de forma alguma o cotidiano.

Esse conflito entre gerações, representa o receio dos mais antigos em ver os mais novos serem “tomados” pela inclusão digital, e conseqüentemente deixarem as suas origens de lado para aderirem outras culturas não indígenas, por isso a resistência ainda é forte.

RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO EM CULTURA E INCLUSÃO DIGITAL NA COMUNIDADE TREMEMBÉ

A rotina dos alunos da Escola Diferenciada Tremembé, segundo o Cacique João Venâncio é: “o ensino médio funciona uma vez por semana, em regime fechado, em sala de aula, e no resto do mês são pesquisas. Eles pesquisam a praia, as dunas, o manguezal e na sexta-feira é realizado as noites culturais.”

A dança Torém também faz parte dessa rotina, pois os adolescentes dançam o ritual antes das aulas e nas noites culturais, pois segundo o Cacique:

Eles dançam antes de entrar pra sala de aula, porque eles vão com uma aprimoração de uma cultura que eles têm, que é uma cultura de resistência, para eles não perderem o foco dessa cultura, depois eles voltam para sala de aula e o professor vai passar a disciplina sobre o torém, sobre as músicas, enfim, aquilo que a gente tem hoje, que a gente preserva, que é o nosso aculturamento (VENÂNCIO, João. 06 jun. 2018).

No dia a dia, os adolescentes conversam entre si através dos dispositivos tecnológicos, pois como eles mesmo falam, pelo fato das casas serem um pouco distante das outras e pela violência que está hoje, principalmente pelo fato de serem indígenas, está dificultando o encontro entre eles, então eles utilizam os celulares e computadores para se comunicarem ou até mesmo marcar encontros. A rotina dos recados também foi modificada, pois segundo Getúlio, a prática dos recados que antes era muito comum, hoje se convergiu

para as mensagens de aplicativos ou SMS. Antes os mais jovens tinham que se deslocar até a casa do destinatário e entregar o recado, hoje nem saem do seu quarto ou sala.

O celular é bom porque a gente conhece nossos parentes índios, de outras tribos. É legal que a gente conversa, bate-papo com eles e marca encontros, a gente vai para lá e eles vem para cá. É bem legal. Isso também ajuda, como no caso de hoje, como somos todos Tremembé, e moramos um pouco distantes, o celular e a internet ajudam na comunicação, porque o mundo está muito violento e não podemos nem sair de casa por isso. As vezes somos até ameaçados porque somos índios (SANTOS, Francisco Mateus dos. 06 jun. 2018).

Embora os mais jovens acham que a inclusão digital seja algo que veio para melhorar, os mais velhos entram nesse embate. Segundo o Cacique:

No mar nós temos vários tipos de tubarão, temos um que é o mais perigoso em todo mar, que é o tubarão Jaguará. No seco nós tínhamos um, agora nós temos três... nós tínhamos o tubarão da globalização, agora nós temos o tubarão dos parques eólicos e temos o tubarão da tecnologia, que está chegando. Porque hoje, eu pejo para olhar para a cara de uma pessoa e não vejo, todo mundo lá cutucando. Aí esquece aquilo que é seu, é tradição, é origem, tem fortalecimento, tem história para se adaptar a uma coisa que você não sabe de onde veio (VENÂNCIO, João. 06 jun. 2018).



Figura 04: Pátio da escola de Almofala, onde é realizado as danças do Ritual Sagrado Tremembé.



Figura 05: Local onde é realizado as danças do ritual sagrado Tremembé, em Queimadas.

CULTURA DIGITAL NAS COMUNIDADES INDÍGENAS

Pierre Levy quando formulou o conceito de Inteligência Coletiva, estava pensando justamente na possibilidade de uma construção de conteúdo a várias mãos. Não à toa, que na comunidade de Almofala, na região norte do Ceará, os adolescentes constroem essa identidade coletiva, aumentando assim a potencialização e atualizando a cultura indígena na região. Isso mostra, segundo a fala do adolescente Francisco Mateus: “quando vamos fazer uma pesquisa com a liderança, nós gravamos e fazemos livros para guardar na biblioteca da escola.”

Para Diretor da Escola Diferenciada, Getúlio dos Santos, é necessário que tenha a apropriação das tecnologias, mas não esqueçam quem cada um é. Ele fala que pelo fato de ser uma escola estadual, o Governo do Estado dá todo o aparato tecnológico para eles, principalmente pelo pensamento de que a juventude precisa estar ligado nessa questão da tecnologia.

Antes, quando a tecnologia começou a chegar, mais especificamente o celular, era algo que muitas vezes para nós se tornava algo muito difícil, porque muitas vezes os meninos ficavam tão atrelados a essa tecnologia, por ser novidade, que acabavam esquecendo das outras coisas. E hoje, a

gente percebe que a questão da tecnologia se tornou uma ferramenta de comunicação, de articulação entre eles e, principalmente de divulgação da própria cultura (SANTOS, Getúlio dos. 06 jun. 2018).



Figura 06: Entrada da sala de informática.

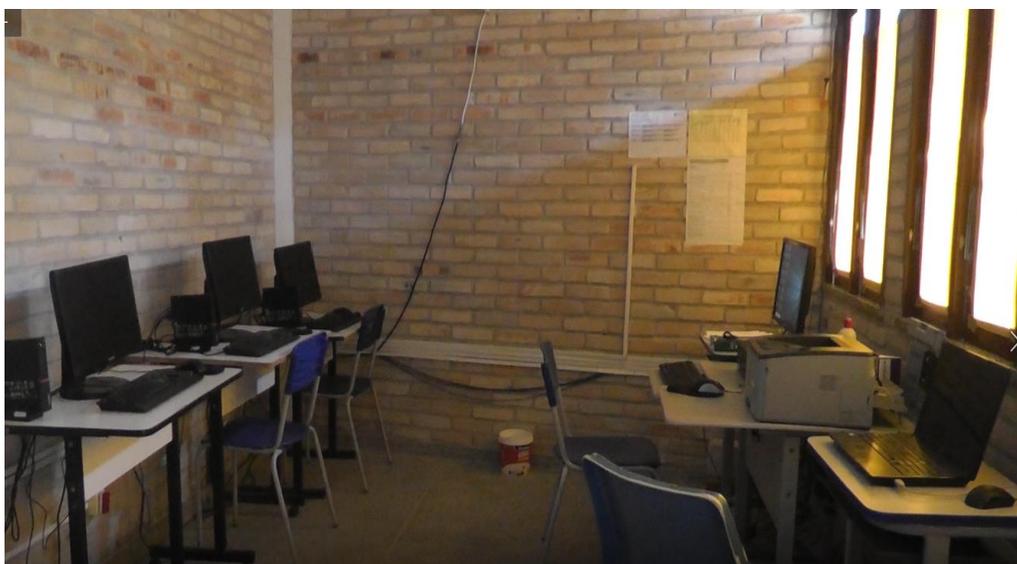


Figura 07: Sala de informática.

Mesmo com toda essa inclusão digital, a sua cultura está presente em toda parte. Desde o prédio da escola, nas pinturas, no formato no cotidiano, até mesmo a economia, que

se resume a pesca e ao artesanato, com a produção de colares, pulseiras, todos com materiais que a natureza oferece. Um bom exemplo dessa representação cultural são as pinturas que nomeiam as salas, onde cada uma possui um nome indígena e logo abaixo tem detalhes do seu artesanato.



Figura 08: Entrada de uma das salas de aula.



Figura 09: Parede da escola, onde possui trabalhos feitos pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando veio a ideia de estudar os Tremembé no trabalho de conclusão de curso, fiquei pensando em o que poderia pesquisar e qual seria a problemática. O fato de termos os “colonizadores” em nós, ainda fazem com que as sociedades indígenas sejam vistas como inferiores, ou que não conseguem tomar conta de si mesmo e que devem ser tuteladas. Mas o fato é que todos são iguais e que as pessoas devem vê-los com outros olhos, pois isso é muito presente no dia a dia, um olhar de preconceito e inferioridade. Mal sabem que os indígenas possuem saberes excepcionais, como a sua medicina, as suas crenças e seus rituais sagrados e principalmente a sua educação.

A inclusão digital quando é adicionada a propagação da cultura indígena, vira uma arma poderosa de saberes, pois como os próprios adolescentes falam, eles repassam as histórias dos mais velhos através das tecnologias usadas para criar livros, dando a oportunidade de todos conhecerem. O fato é que, mesmo com essas coisas boas que segundo eles a tecnologia leva, deve ser tomado cuidado para não deixar de lado o seu cultural, que é o medo e o receio dos mais velhos, segundo o Cacique, pois se deixarem de lado a sua cultura, quem irá repassá-la para as próximas gerações?

Este é um risco que os Tremembé estão dispostos a vencer, e com o seu saber mesclado a inclusão digital, as suas crenças, culturas, rituais sagrados e tudo que representam a sociedade indígena Tremembé será propagado aos quatro cantos do mundo.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Renato. Dicionário geográfico e histórico do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1964.

CARRARO, Dilceane; SAMPAIO, Simone Sobral. A Arte da Resistência: Mídia Independente e Luta Anti-Capitalista. In: Congresso Latino-Americano de Direitos Humanos e Pluralismo Jurídico, 2008, Florianópolis. Anais do Congresso Latino-Americano de Direitos Humanos e Pluralismo Jurídico. Florianópolis: Editora Dom Quixote, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro. Índios no Brasil. História, direitos e cidadania. São Paulo: Editora Claro Enigma, 2012.

FOCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

DUARTE, Hélio Queiroz. Nossa Senhora da Conceição de Almofala. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1972. (mimeo)

FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Identificação e delimitação da área indígena Tremembé de Almofala (Itarema-CE). Parecer conclusivo do processo n. 28 / CADDID/DAF/93. Ref.: Processo FUNAI/BSB/0056/93. Relator: Jussara V. Gomes. 8 jul. 1993. Diário Oficial da União, Brasília, n. 141, Seção I, p.10521-10524, jul. 1993.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora da UFRGS, 2009.

JENKINS, Henri. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2º ed., 2009.

TRAVANCAS, Isabel. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2ª ed., 2006.

NOBRE, Geraldo Silva. História Eclesiástica do Ceará. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desportos, 1980.

RAMOS, Dinorá Tomás.(Org.). Padre Antônio Tomás: príncipe dos poetas cearenses. 3ª. ed. Fortaleza: jornal A Fortaleza, 1981.

LÉVY, Pierre. O Que é Virtual?. Rio: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva. 5ª ed. São Paulo: Editora Edições Loyola, 2007.

HOGGART, Richard. La culture du pauvre. Paris: Les Éditions de minuit, 1970.

MONARCHA, Hellen. Redes sociais e sociedades indígenas: entre dígitos e jenipapo. Belém: Universidade da Amazônia, 2012.

SITES VISITADOS

Povos Indígenas no Brasil. Sites de organizações indígenas. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Web_ind%C3%ADgena acessado em: 04 de junho de 2018

Fundação Nacional do Índio. Modalidade de Terras indígenas. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> acessado em: 29 de maio de 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indígenas. Gráficos e Tabelas. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html> acessado em: 29 de maio de 2018.

Governo do Brasil. Projeto Inclusão Digital Indígena já alcançou 11 aldeias. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/editoria/infraestrutura/2015/12/projeto-inclusao-digital-indigena-ja-alcancou-11-aldeias> acessado em: 19 de maio de 2018

SANTOS, Alex Barbosa. Inclusão Digital e Comunidades indígenas: a internet como parceria. Disponível em: <http://www.indioeduca.org/wp-content/uploads/2011/10/Inclus%C3%A3o-Digital-e-Comunidades-ind%C3%ADgenas-Para-%C3%8Dndio-Educa.pdf> acessado em: 19 de maio de 2018.

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: setembro de 2023.